

Forever young: sonho e canção¹

Lenita Osorio Araujo

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 162-174 · 2017

Resumo

Neste artigo, descreve-se o percurso da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul, de sua pré-história até sua inserção singular na Associação Psicanalítica Internacional e na Federação Brasileira de Psicanálise. Pretende-se comparar essa narrativa com a diacronia do trabalho do sonho, valendo-se do desejo de imortalidade que a transmissão da vida psíquica na instituição psicanalítica faz subentender. Para isso, usa-se a letra da canção “Forever young”, de Alphaville.

Palavras-chave

história; psicanálise; instituição psicanalítica; imortalidade.

LENITA OSORIO ARAUJO é membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul SPMS, analista em função didática do Instituto de Psicanálise da SPMS e membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro SPRJ.

FOREVER YOUNG | Alphaville

Let's dance in style, let's dance for a while,
Heaven can wait, we're only watching the skies.
Hoping for the best, but expecting the worst,
Are you gonna drop the bomb or not?

Let us die young or let us live forever.
We don't have the power, but we never say never.
Sitting in a sandpit, life is a short trip.
The music's for the sad man.

Can you imagine when this race is won?
Turn our golden faces into the sun,
Praising our leaders, we're getting in tune
The music's played by the, the madman.

Forever young,
I want to be forever young.
Do you really want to live forever,
Forever, and ever?

Forever young,
I want to be forever young.
Do you really want to live forever?
Forever young.

Some are like water, some are like the heat.
Some are a melody and some are the beat.
Sooner or later they all will be gone.
Why don't they stay young?

It's so hard to get old without a cause.
I don't want to perish like a fading horse.
Youth's like diamonds in the sun,
And diamonds are forever.

So many adventures given up today.
So many songs we forgot to play.
So many dreams swinging out of the blue.
Oh let it come true.

Forever young,
I want to be forever young.
Do you really want to live forever,
Forever, and ever?

Forever young,
I want to be forever young
Do you really want to live forever?
Forever Young.

(Lloyd, Gold & Mertens, 1984)

Quando a música enquanto subo a Avenida Mato Grosso, na direção Parque dos Poderes. Como tudo está tão diferente hoje... Quase não vejo a entrada do consultório de Marila, o ipê que se destacava em flor para guiar aflitos. Clodoaldo se foi para Dourados e não volta mais – agora é livre para pescar o quanto quiser.

Lembro-me da sala grande onde Dutra, com seus olhos azuis, comandava a entrevista do grupo de postulantes de 1989. *Gente jovem reunida...* Das entrevistas pessoais, a névoa traz Clemilda querendo ver a foto da minha lembrança mais antiga, Izaí falando de um buraco no peito quando ou se eu mudasse de analista, não entendi bem, e Dutra parecendo preocupado com minha condição financeira para manter a formação. Povo estranho aquele, mas essa não é a lembrança que dói mais.

Eu queria muito receber a carta com a aprovação da SPRJ (Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro). *Hoping for the best, but expecting the worst, are you gonna drop the bomb or not?* Alguns meses depois, o Plano Collor ia levar nosso dinheiro para salvar o país, e ainda assim sonhávamos em manter a formação. Seremos sempre jovens se a permanência da SPMS (Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul) se valer dessa diacronia. Muitos amigos se foram e já somos velhos, teima o espelho e a linda foto, hoje sépia, de um grupo sorridente que ainda guardo na estante do consultório, de onde me confronta. *Youth's like diamonds in the sun, and diamonds are forever.*

Na velha casa, cuidamos dos livros herdados de Galina, que tem um quarto só para ela. Os novos candidatos querem saber

quem era, enquanto procuram textos que sumiram nos arquivos perdidos dos tantos PCs que trocamos, certamente para nos permitir o prazer de invocar seu espírito agregador e contar em roda as histórias de um tempo que contrasta com os eletrônicos da nova sede e que nos intriga lembrar como nos testamos ao limite querendo manter a comunicação do cerrado ao litoral.

Velhos tempos, como se conversava mesmo em 1989? Cartas de papel e telefone fixo! O que dizer daquela invasão de analistas cariocas no Mar de Xaraés? O isolamento do pantaneiro ainda nos representava, ou esse lindo Campo Grande tinha sido aprontado para as sementes que eles nos traziam de uma Europa do século XIX? Eram também mineiros, paulistas, gaúchos, gente com mochila nas costas e uma inquietude em fazer ressoar o eco distante que nos falava de Freud e de seus seguidores, e nosso sangue mestiço carregou bem essa pluralidade de lendas e canções de ninar.

A dimensão do tempo, estilhaçado pelo trabalho do sonho, nos induz a ver no futuro as sombras do nosso passado, nascimento e morte revestidos de reverência profética – isso também nos faz voltar a Freud:

a criação posterior de um sonho, que só assim torna os sonhos proféticos possíveis, não seria nada mais que uma forma do processo regressivo do pensamento [...] que torna possível [...] o trajeto das imagens da memória até à consciência. (Freud, 1900/1972, p. 663)

E a narrativa do sonho torna-se a portadora da emoção que busca se eternizar

pelo seu poder de contágio, pois os tempos mudam, mas as emoções humanas se conservam...

Cinquenta anos de FEBRAPSI (Federação Brasileira de Psicanálise), mais de cem anos de IPA (Associação Psicanalítica Internacional). Como fomos nos encontrar nessa rota?

A origem é o que nos escapa, aquilo de que estamos irremediavelmente ausentes e que foge ao nosso controle no próprio movimento em que somos constituídos no e pelo desejo de um outro e, além do mais, um outro que nos precede. (Kaës, 2001, p. 11)

Voltando no tempo da criação do estado de Mato Grosso do Sul, há consenso em registrar que o início do curso de psicologia da Faculdade Católica, hoje Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), sob a responsabilidade de Marila Teodorowic, psiquiatra e psicanalista da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, representou em 1977 um marco na difusão do pensamento psicanalítico local. Na Faculdade de Medicina da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), ela assumiu depois a cadeira de psicologia médica. E sabiamente criou vagas de estágio em psicologia em uma clínica psiquiátrica, o que atraiu acadêmicos interessados em conhecer e se aprofundar no conhecimento das teorias psicanalíticas, fazendo-os interagir e apreciar o trabalho em equipe multidisciplinar.

Assim, formou-se um grupo de estudos, com discussões semanais de casos clínicos. No trabalho em grupo, esses colegas perceberam a necessidade da análise pessoal e idealizaram uma formação psicanalítica. Em 1980, a convite de Marila, Fábio Leite Lobo, membro da SPRJ e analista didata, mudou-se para Campo Grande, aderindo ao projeto dessa formação. Infelizmente, ele faleceu no início de 1981, sem realizar aqui o sonho de um grupo psicanalítico instituído. Pouco depois, chegou a Campo Grande outro analista da SPRJ, Clodoaldo Frizon, que aceitou analisar alguns componentes desse grupo, que tinha firmado identidade própria – o Centro de Estudos Sul Mato-grossense de Psicoterapia Dinâmica (CESMAPID) – e oferecia formação em psicoterapia de orientação analítica a muitos colegas médicos e psicólogos residentes no estado, representando ainda para alguns de nós o germe da SPMS como a conhecemos hoje (Araújo, 2009).

Essa parte da história conto como me contaram, porque também vim de longe, passando a fazer parte do CESMAPID somente em 1985. No entanto, coube-me encerrar suas atividades, a pedido expresso de Marila, para não sugerir duplicidade com a formação da SPRJ, como a IPA preconizava na época. Lembro um pouco dessa noite de luto em 1990, fazendo um brinde maníaco com os colegas e me fazendo de forte, saindo de uma zona de conforto rumo ao caos. Marila não apareceu. *Do you really want to live forever?*

Em um movimento de difusão com psicanalistas de outras regiões, na década de 80 outros grupos de estudo de orientação psicanalítica foram surgindo, grupos de estudo sobre infância, sobre casal e família, grupos e instituições, dos quais muitos de nós da SPMS também fizemos parte, como o Grupo de Estudos de Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria da Infância (GEPPPI) e a Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo (ABPAG). Quem se lembra de quando fomos ao Rio assistir às palestras de Kaës, na Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo (SPAG)? E da doideira de querer trazer as fitas gravadas para o grupo? *Praising our leaders, we're getting in tune. The music's played by the, the madman.*

Kaës (1985) propõe que toda afiliação a um grupo se funda sobre um conflito com a filiação, com o romance da filiação. Aderir a um grupo seria uma forma de questionar a herança, de deixá-la em suspenso ou mesmo de desautorizá-la – em todo caso, de explorar outra possível, para formar um ideal que assegure melhor contra um ideal decepcionante. O grupo do CESMAPID que buscava afiliação não desistia de encontrar uma instituição que lhe propiciasse uma identidade psicanalítica. Muitas de nossas reuniões foram conduzidas por Flávio Neves, então psicanalista do Círculo Mineiro de Psicanálise, que mais tarde se filiou também à SPRJ, quem diria. Flávio foi um amigo querido que nos deixou muito cedo, de riso franco e discurso entusiasmado, e bem sintonizado com as dificuldades institucionais que a psicanálise enfrentava em sua Belo Horizonte.

A resistência grupal concentrava-se nessa época sobre a reflexão de que a afiliação ao Círculo Mineiro de Psicanálise poderia nos dar a formação por tantos anos desejada, mas que essa identidade não IPA não satisfaria o desejo de portar a marca original. O sonho de uma formação psicanalítica *standard*, sob a chancela da IPA, traduzia o desejo de sermos reconhecidos também como herdeiros de Freud.

Ao opor a condição narcísica do sujeito singular à do sujeito da intersubjetividade, Freud os ligou no ponto preciso do apoio do narcisismo sobre o da geração precedente, sobre a questão da transmissão ao *infans* dos “sonhos de desejos insatisfeitos de seus pais”. (Kaës, 2001, p. 11)

Por onde andariam os didatas que precisavam residir em Campo Grande para que um Núcleo pudesse se instalar aqui, segundo os padrões mínimos da IPA?

Em 1989, Marila Teodorowic, Clemilda Barbosa de Souza e Antônio Dutra Jr. tiveram êxito em obter adesão a esse projeto de expansão na SPRJ, e foram realizadas as entrevistas de seleção dos postulantes à primeira turma. Oficialmente, o Núcleo Psicanalítico de Mato Grosso do Sul (NPMS) foi formado em janeiro de 1990, sob a responsabilidade do Instituto de Psicanálise da SPRJ, e sua primeira Comissão Coordenadora foi composta por Antônio Dutra Jr., Hélio Tolipan e Paulo Quinet de Andrade, seguindo-se duas outras comissões em seu percurso. A segunda foi formada por José de Matos, Edna Vilete, Hélio Tolipan e Judith Letsche, e a terceira por Carlos

Roberto Saba, Galina Schneider, Magali Gonçalves e Vera Márcia Ramos. O NPMS da SPRJ teve sua primeira turma de 17 candidatos selecionados em 1989, e as funções didáticas foram realizadas por Marila Teodorowic, Geny Hazan e José Izaí.

Éramos da IPA, mas ela ainda nos falava de longe: precisávamos de autorização escrita da matriz para assistir a um congresso. A FEBRAPS, que ainda se chamava ABP (Associação Brasileira de Psicanálise), se fazia presente entre nós mais por sua revista, a *Revista Brasileira de Psicanálise*, que passamos a receber em 1992, pagamento automaticamente incluído na mensalidade à SPRJ. Pelo menos era concreta, cabia em nossas mãos. A partir do início dos seminários, aumentaram as dificuldades relacionadas à definição dos papéis e do espaço dos candidatos, diante do duplo nível das exigências: as tarefas próprias à condição de candidatos bem como as funções administrativas do Núcleo. Os didatas também se ressentiam com as inversões causadas por esses procedimentos, mas, limitados em seus consultórios para preservarem as análises, não dispunham de outros instrumentos para efetivar tarefas não analíticas.

A instituição se fazia presente através dos coordenadores de seminários, das decisões encaminhadas pela Comissão Coordenadora e das reuniões administrativas semestrais com o diretor do NPMS, Antônio Dutra. Apesar do esforço progressivo comum, os conflitos em todas as instâncias eram inevitáveis. As confusões intergeracionais e as

dificuldades relativas à construção de uma identidade psicanalítica eram intensificadas pelo distanciamento real do NPMS de sua sede, que se traduzia em seus membros por uma sensação de isolamento e ausência de referências institucionais que pudessem constituir um continente mais adequado para as ansiedades surgidas no grupo (Araújo & Araujo, 2000).

A condição de filhos parentais vivida pelos candidatos impôs novas conflitivas a todos os implicados no processo de constituição da instituição, sem falar das dores inerentes a toda e qualquer formação analítica. O grupo se via invadido por angústias catastróficas e ameaças de aniquilamento diante de qualquer fato novo. A insegurança era potencializada pela vivência narcísica onipotente de que os candidatos se bastavam, em contraposição às ameaças veladas ou explícitas de a SPRJ fechar o Núcleo que nos continha. O grupo de candidatos, lidando com um modelo idealizado e persecutório da Sociedade-mãe, se mantinha ambivalente, na procura de modelos societários mais empáticos, mas secretamente acalentando a ilusão de autoengendramento (Araújo, 2009). *Let us die young or let us live forever. We don't have the power, but we never say never.*

Em fevereiro de 1992, uma grave crise institucional foi deflagrada com a saída de um analista didata que tinha sob sua responsabilidade a análise de vários candidatos. Essa crise redundou na renúncia da Comissão Coordenadora da época e na

instalação de uma Comissão de Ética. Uma nova Comissão Coordenadora assumiu, presidida por José de Matos, tendo como objetivo claro a reestruturação do Núcleo, tentando lidar com essa dinâmica explosiva dos participantes. Logo, outra Comissão Coordenadora, presidida por Carlos Roberto Saba, se ofereceu para mediar os conflitos entre o Núcleo e a sede, estabelecendo limites duros, porém necessários, para que os candidatos pudessem assumir o papel de candidatos (Araújo, 2009).

Somente com a última Comissão Coordenadora do Núcleo e após muito trabalho de dinâmica institucional com os diversos níveis hierárquicos da nossa composição peculiar, os papéis foram mais bem distribuídos e alcançados os limites necessários para que didatas e candidatos pudessem desempenhar com mais tranquilidade suas funções, permitindo que a confiança e a segurança fossem restabelecidas no grupo. Assim, tornou-se possível aos candidatos dedicar-se mais à sua formação e iniciar suas supervisões oficiais com a vinda de Galina Schneider e de Antônio Dutra, investidos da função de supervisores.

As condições precárias de pioneirismo incrementaram, sem dúvida, a intensidade das angústias vividas por todos do grupo. A tarefa de desbravar interna e externamente regiões novas e desconhecidas impôs uma cota de sofrimento a mais. Por outro lado, constata-se que as crises fazem parte da formação psicanalítica e são a ela inerentes. A própria psicanálise não pode ser entendida fora da dimensão do conflito. Desejo e possibilidade de realização estão sempre presentes (Araújo & Araujo, 2000).

Serenados os ânimos, momento fértil, em 1994 abriram-se as inscrições para a segunda turma de formação, e 12 candidatos foram selecionados. No mesmo ano, Márcia Lucy Câmara afiliou-se ao Núcleo e, juntamente com Elma A. Bichara, foi autorizada a exercer funções didáticas no NPMS. Em 1995, a primeira turma de candidatos concluiu sua formação com 15 novos membros filiados à SPRJ, referendados na Assembleia Geral daquela sociedade em janeiro de 1996, quase todos exercendo tarefas institucionais no NPMS, trabalhando intensamente para que esse crescimento se mantivesse em bases sólidas e zelando pelo modelo da SPRJ tão duramente incorporado durante a formação. Fazendo uma avaliação dessa jornada, pudemos reconhecer nossa afiliação à SPRJ e ser por ela reconhecidos. A instituição possibilitou elementos que favoreceram a integração do NPMS, dando um sentido real ao significado da formação (Araújo & Araújo, 2000).

Parecia então que teríamos um período em que os lugares instituídos não seriam fonte de maiores turbulências. Por aqui tudo bem, mas as notícias da matriz eram inquietantes. Acusada por psicanalistas locais e por outros membros da IPA, os fantasmas da ditadura dos anos 70 ressurgiram nas salas das assembleias. Novamente, o clima de insegurança e o terror de dissolução foram vivenciados pelo Núcleo, pois seu reconhecimento pela IPA se dava por meio da Sociedade-mãe, que, ameaçada de sofrer uma intervenção com desdobramentos imprevisíveis, não poderia mais dar a sustentação necessária para continuar sua

trajetória. *Sitting in a sandpit, life is a short trip. The music's for the sad man.*

Instados, sobretudo por Galina Schneider e Carlos Roberto Saba, os analistas do NPMS discutiram exaustivamente a nova realidade e examinaram com receio sua alegada prontidão para solicitar à IPA sua passagem ao *status* de Grupo de Estudos. Enquanto isso, em 1996, embora mantendo a ligação com a Sociedade-mãe, a primeira Diretoria local se compôs por consenso entre os analistas didatas que pertenciam ao NPMS, elegendo Marila Teodorowic como presidente do NPMS, e assim foi feita a solicitação à IPA no final do ano. Em abril de 1997, o NPMS foi visitado por uma comissão designada pela IPA, composta por Heitor Gunther Perdigão e Rodolfo Moguillansky, para avaliar as condições locais e os recursos do grupo que pretendia se organizar e estruturar para vir a ser uma Sociedade Componente da IPA. Contávamos então com 4 membros efetivos em funções didáticas, 15 membros associados e 12 candidatos. *Can you imagine when this race is won?*

A passagem do Núcleo Psicanalítico de Mato Grosso do Sul (NPMS) a Grupo de Estudos Psicanalíticos de Mato Grosso do Sul (GESP-MS) ocorreu durante o Business Meeting do 40.º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, em Barcelona, em julho de 1997. Embora os membros tivessem que permanecer afiliados à SPRJ, o contato com a IPA se fazia de forma direta. Nosso primeiro *site visit* como GESP-MS se

deu em novembro de 1997, e nosso Sponsoring Committee foi composto por Heitor Gunther Perdigão (*chair*) (New Orleans, EUA), Pablo Cuevas Corona (Cidade do México) e Rodolfo Moguillansky (Buenos Aires). Em 1999, Moguillansky foi substituído por Marcos Gheiler (Lima, Peru). O Sponsoring Committee se ocupava principalmente da Comissão de Ensino local – que era dirigida por um analista didata com o auxílio de dois membros associados –, mantendo-se estreitamente ligado a essa Comissão nas tarefas e deliberações referentes à formação psicanalítica da segunda turma. As diferenças e rivalidades entre os didatas e os demais analistas, organizadas e contidas pelos subgrupos que formavam as Subcomissões de Ensino, tornaram-se expostas na realização das tarefas do novo grupo instituído.

Jean Guillaumin encontra diferentes mecanismos e diversas modalidades no jogo das transferências e das identificações entre o analista, o analisando e a instituição psicanalítica. Interroga os efeitos da violência do desejo de “transmitir a psicanálise” e como essa violência se apoia no desejo narcísico de identificação ao que ele denomina *a família institucional*. (Kaës, 2001, p. 21)

Nesse novo contexto, o interjogo de identificações cruzadas e desidentificações pretendidas explicitou a violência da outorga da autoridade da “família institucional”, que era fortemente negada pela

própria ilusão grupal da coesão que havia sido necessária no passado. O clima persecutório novamente tomou conta do grupo, e as visitas do Sponsoring Committee perderam parte de seu caráter normativo e organizador para se tornarem os disparadores da fúria narcísica com que os membros defendiam a psicanálise mais pura, a mais verdadeira, ou seja, a que melhor cabia em seu espelho.

O risco de morte da instituição se fez sentir sob a forma de uma ruptura catastrófica quando, em maio de 1998, o Sponsoring Committee retirou a função didática de um analista, o que redundou no afastamento de outro analista didata. Como cuidado homeostático para a cisão, o SC convidou quatro membros associados, que dirigiam o Departamento de Assistência Psicológica, a assumirem a função de supervisores *ad hoc* e também a dirigirem a Comissão de Ensino, com a ajuda dos dois analistas didatas remanescentes. Foi criado um grupo especial para estudar supervisão, objetivando apoiar os membros recém-instituídos nessas funções didáticas, que foi muito atacado pelos outros colegas, sendo mesmo chamado de *clube privé*, apesar de ser aberto a todos.

A nova Comissão de Ensino trabalhou intensamente, tentando adaptar as necessidades locais e a produção que já havia sido realizada à criação de um programa formal de ensino, considerando útil a contribuição de professores reconhecidos em outras instituições da FEBRAPSI (então ABP), para favorecer o intercâmbio com outros modelos identificatórios. Nossas identidades profissionais também foram colocadas à prova.

Em um curto espaço de tempo, fomos promovidos ou convidados a cuidar de candidatos enquanto ainda tentávamos criar, ou dispor em uma nova ordem, o que havíamos herdado da SPRJ, que, como procuramos mostrar antes, também nos constituiu dentro das possibilidades e circunstâncias da época (Araújo & Araujo, 2000).

Se por um lado as deliberações do Sponsoring Committee protegeram o grupo e permitiram que a formação dos candidatos não fosse interrompida, por outro impôs diferenças entre os colegas, aumentando as cisões e a desconfiança. O clima beligerante perpassava as relações institucionais, e as contendas mais corriqueiras apontavam o conflito de gerações expresso tanto nas lutas pelo poder como na culpa imposta aos filhos pela perda da ilusão grupal, como um corpo materno dilacerado em um festim totêmico. *Some are like water, some are like the heat. Some are a melody and some are the beat. Sooner or later they all will be gone. Why don't they stay young?*

Em 1999, houve a mudança no Sponsoring Committee, com a saída de Rodolfo Moguillansky e a entrada de Marcos Gheiler. Perdemos nossa querida flanela latina, mas aprendemos muito sobre o narcisismo das formigas e a patada da onça. Como elaboração dessas vivências de luto, vários membros do GESP-MS buscaram diferenciação por meio da progressão institucional e, em 1999, foram aceitos como efetivos seis membros, sendo gradualmente seguidos pela maior parte dos associados. Nessa relação de amor e ódio, reconhecemos como de fundamental importância o papel de suporte estruturante do Sponsoring

Committee da IPA, ao nos conduzir dos vórtices da paixão familiar a uma abertura triangular de horizontes, com ampliação do conhecimento teórico psicanalítico, e ao inserir a instituição no meio político psicanalítico, oferecendo-nos alternativas para organizá-la e colocando-nos em uma posição de vanguarda, com vários aspectos inovadores. Vale ressaltar o papel central que teve a FEBRAPSI, pelo apoio e pela presença em Campo Grande nos simpósios bianuais e nas trocas respeitadas nas discussões de trabalhos científicos e supervisões. A mudança de foco do eixo Rio-São Paulo para a interiorização da psicanálise, fortalecendo os Grupos de Estudo, foi muito importante para o nosso crescimento.

A necessidade de assumirmos funções antes do natural amadurecimento para a tarefa se impôs, trazendo um montante crescente de angústias ante os desafios que nos conflitavam entre nossa integridade grupal, nosso compromisso com o objeto psicanalítico e sua transmissão, e os fantasmas da herança e das rivalidades fraternas. O jogo de identificações estruturantes e alienantes nos confundia, os restos transferenciais ameaçavam intoxicar nossos vínculos. Continuamos a precisar de modelos para criar um corpo docente, critérios úteis de avaliação para os seminários e trabalhos supervisionados, mas acima de tudo de sermos reconhecidos e nos reconhecermos como menos dependentes das projeções de nossos ideais sobre os terceiros (Araújo & Araujo, 2000).

No final de 2000, três membros efetivos solicitaram função didática ao Sponsoring Committee, apresentando trabalhos clínicos e sendo aprovados para tal função. A esses se seguiram vários colegas interessados em ter uma participação mais ativa e presente no Instituto de Psicanálise. Como consequência da abertura e das progressões dos membros, surgiu a reivindicação de uma parte do grupo por um processo democrático que proporcionasse a todos os membros a oportunidade de se exporem, de votarem e serem votados, um passo a mais na trajetória do vir a ser de uma Sociedade plena. Como era de se esperar, essa demanda gerou uma nova crise, levando à renúncia da presidente. Expressando temor por uma manobra imatura, o Sponsoring Committee mostrou-se pouco continente aos anseios dessa parte significativa do corpo societário e, para evitar uma desagregação, indicou um novo presidente e propôs uma comissão para estudar a possibilidade das eleições. No final de 2002, o GESP-MS realizou suas primeiras eleições em um *site visit*, e Leila Tannous Guimarães tornou-se nossa presidente com um Conselho Diretor amplamente referendado (Araújo, 2009). *So many adventures given up today. So many songs we forgot to play. So many dreams swinging out of the blue. Oh let it come true.*

Essa legitimação pelo voto foi fundamental na história recente da nossa instituição, funcionando como assinaturas em uma certidão de nascimento,

ressignificando talvez a matriz comum de identificação ao objeto de desejo e ao fantasma inconsciente do ancestral, o que nos permitiu encontrar um lugar em que o futuro do grupo pudesse existir como depositário do narcisismo parental. Mesmo com as dificuldades, divergências e afastamentos inerentes a todo grupo instituído, passamos a usufruir um pouco do que havíamos ido buscar. O clima do *site visit* passou a refletir essa continência grupal, e como as questões institucionais internas eram debatidas nas reuniões do Conselho Diretor, sendo apresentados ao Sponsoring Committee apenas os resultados e as soluções, nossos encontros se constituíram como grupo de trabalho, com projetos e planos de futuro, além de atividades científicas. Para testar a solidez dessa fase, iniciamos o processo de formação da terceira e da quarta turmas, com a diferença de um semestre, representadas como primeiros filhos desse novo velho grupo. Hoje são membros associados e efetivos, analistas atuantes e comprometidos com a instituição, ocupando cargos no atual Conselho Diretor. “A afiliação é e não é um assunto de família: ela é um assunto de desvio de filiação, e de família, em benefício do grupo” (Kaës, 1985, p. 31).

No Business Meeting do 44.º Congresso Internacional de Psicanálise, no Rio de Janeiro, em 2005, a então presidente do GESP-MS, Leila Tannous Guimarães, recebeu das mãos do presidente da IPA, Daniel Widlöcher, o certificado de Sociedade Provisória. Festejamos com os colegas da SPRJ e da FEBRAPSÍ esse momento tão emocionante – discursos e champanhes no trabalho da memória dos que de alguma forma

torceram e nos acompanharam nesse trajeto, destacando com carinho a presença de Dutra e Jurema. Nenhum lugar seria mais significativo para nós que o Rio de Janeiro naquela noite.

Por decisão da IPA, o Liaison Committee foi composto pelos mesmos membros que haviam participado do nosso Sponsoring Committee. A partir desse momento, as visitas foram anuais, e como a Sociedade estava funcionando plenamente, com um número de membros associados, efetivos e em função didática dentro dos parâmetros exigidos pela IPA, foi possível solicitar, em 2006, a passagem a Sociedade Componente. No Business Meeting do 45.º Congresso Internacional de Psicanálise, em Berlim, no ano de 2007, a presidente da SPMS Provisória, Gleda Brandão de Araújo, recebeu das mãos do presidente da IPA, Cláudio Eizirik, o certificado de que alcançamos a categoria de Sociedade Componente da IPA, a Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS).

Com muito trabalho institucional nos constituímos em Sociedade Componente da IPA, e com muito trabalho institucional mantemos o objetivo compartilhado por nossos membros, que compreendem que de sua dedicação constante depende o futuro da transmissão psicanalítica em

nossa região. Somos hoje 31 membros em plena atividade e quatro membros honorários. Nosso Instituto de Psicanálise é bastante atuante, com vários analistas em função didática e 27 candidatos em diversas fases de sua formação, da quinta à oitava turma. Em 2016, demos início à nona turma com nove postulantes.

Divulgamos a psicanálise no Centro-Oeste do Brasil, com considerável inserção de psicanalistas nas faculdades de psicologia e medicina e nas instituições afins; coordenamos cursos de especialização em psicanálise e psicoterapia de orientação analítica, em parceria com a Universidade Católica Dom Bosco; realizamos uma parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; proferimos palestras, ministramos cursos e participamos de eventos culturais em nossa comunidade. Temos buscado o diálogo com outras áreas do saber e temos desenvolvido projetos que visam o aprimoramento dos membros para lidar com os crescentes desafios que a psicanálise vem enfrentando nos dias atuais, como os modelos de formação alternativos,

uso de redes sociais, queda de interesse na procura por formação analítica em muitas Sociedades brasileiras e o envelhecimento dos membros em escala internacional. Mas não pensem que tudo são flores: de tempos em tempos, nossa herança autoritária cobra seu preço, configurando ciclos de lutas de poder e anseios de exclusão de membros, ressoando em mim a ironia que Perdigão usava quando nos indagava se nessa república havia bichos mais iguais que outros. *It's so hard to get old without a cause. I don't want to perish like a fading horse.*

Participamos da FEBRAPSI e da FEPAL ativamente, nos encontros de presidentes e assembleias de delegados. Na gestão de Cláudio Rossi, nossa colega Leila Tannous Guimarães foi diretora do Conselho de Coordenação Científica da FEBRAPSI, organizando o 22.º Congresso Brasileiro, no Rio de Janeiro. Em 2011, Gleda Brandão de Araújo foi eleita presidente da FEBRAPSI, e durante sua gestão, em 2013, enquanto eu era presidente da SPMS, tivemos a honra de sediar o 24.º Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPSI, em Campo Grande.

De NPMS a Sociedade Provisória e posteriormente a Sociedade Componente transcorreram dez anos. Dez anos mais e, em 2017, felicitamos juntos os cinquenta anos da FEBRAPSI, lembrando amigos queridos que vivem em nossas fotos e não vão envelhecer nunca, como Plínio Montagna, Pedro Gomes, Wilson Amendoeira, Cláudio Rossi, Sérgio Nick, Nilde Franch, Carlos Gari, Ana Paula Terra, Sérgio Lewkowicz, Cláudio Eizirik, Leonardo Francischelli, Mauro Gus, Suad Haddad, Jaques Engel, Daniel Delouya, Antônio Dutra, Galina Schneider, Carlos Saba, José de Matos, Rodolfo Moguilansky, Pablo Cuevas, Marcos Gheiler, Heitor Perdigão e outros mais que tanto nos deram apoio, saber, exemplo e ética.

Let's dance in style, let's dance for a while, heaven can wait, we're only watching the skies. Forever young, I want to be forever young



Nota

- 1 Um agradecimento especial a Gleda Brandão de Araújo, pelo consentimento em usar livre e extensamente seu trabalho "A SPMS e a IPA: sonhos, encontros e desencontros" (2009) e por suas sugestões na realização deste artigo, de tal forma que a considero coautora desta incursão pela memória grupal.

Forever young: **sueño y canción**

La autora describe la ruta de la Sociedad Psicoanalítica de Mato Grosso do Sul, su prehistoria hasta su inserción única en la Asociación Psicoanalítica Internacional y la Federación Brasileña de Psicoanálisis. Tenía la intención de comparar este relato con el trabajo diacrónico de los sueños aprovechando el deseo de inmortalidad que la transmisión de la vida psíquica en la institución psicoanalítica implica, con el uso de la letra de la canción "Forever young", de Alphaville.

PALABRAS CLAVE: historia; psicoanálisis; institución psicoanalítica; inmortalidad.

Referências

- Araújo, G. (2009). A SPMS e a IPA: sonhos, encontros e desencontros. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4), 79-87.
- Araújo, G. & Araujo, L. (2000, 19-20 de maio). *A construção de um Instituto de Ensino*. Trabalho apresentado no IV Encontro Latinoamericano de Institutos de Psicoanálisis, Caracas, Venezuela.
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Lenita Osorio Araujo
Rua Coronel Cacildo Arantes, 80
79040-452 Campo Grande, MS
Tel.: (67) 3325-9072 / 67 98112-8879
lenarj@terra.com.br

Forever young: **dream and song**

The author describes the path of the Psychoanalytic Society of Mato Grosso do Sul, from its prehistory to its singular insertion into the International Psychoanalytic Association and the Brazilian Federation of Psychoanalysis. The author's purpose is to compare her narrative to the diachrony of dream-work, by resorting to the desire for immortality which is inferred from the transmission of psychic life in psychoanalysis. The author uses the lyrics of the song "Forever young" (by Alphaville) in order to fulfill her purpose.

KEYWORDS: history; psychoanalysis; psychoanalytic institution; immortality.

- Kaës, R. (1985). Filiation et affiliation: quelques aspects de la réélaboration du roman familial dans les familles adoptives, les groupes et les institutions. *GRUPPO: Revue de Psychanalyse Groupale*, 1, 23-46.
- Kaës, R. (2001). Introdução: o sujeito da herança. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez & J. J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (C. Berliner, Trad., pp. 9-25). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lloyd, B., Gold, M. & Mertens, F. (1984). Forever young [gravada por Alphaville]. In *Forever young* [LP]. WEA.